

Curso rápido para presidente

Por João Sayad

Valor Econômico, 16.10.2014.

Na campanha eleitoral, os candidatos falam como prefeitos. Mas um presidente deve se dedicar a outra coisa

As leituras são de filosofia política, nada de economia. O novo chefe(a) do executivo deve ler, antes de tudo, a *Ética de Aristóteles*. Para que venha a ser um presidente que procure a virtude - a justiça, o bem e a verdade. E dê um exemplo para todos os brasileiros. Não resolve de vez a corrupção, mas o exemplo é uma condição necessária, o que a punição não é.

Um presidente precisa conviver com o contraditório e não tentar superá-lo. Não se engane com a *Ética do Aristóteles*. Leve também o "Príncipe" de Maquiavel. Ao falar na televisão ou no Congresso, Aristóteles. Mas à noite, quando refletir sobre decisões desagradáveis, é Maquiavel. Os preços atrasados devem ser corrigidos de uma vez só, diminuindo o déficit fiscal com o aumento do preço da gasolina, da energia elétrica ou deve ser resolvido gradualmente? E a taxa cambial? Depende do poder que o presidente queira angariar com esse ato de força. Será um teste definitivo. Maquiavel recomenda o mal de uma vez só e o bem, aos poucos. Realmente, não sei. Também preciso ler o Maquiavel.

Precisa também decidir o que é sua atividade principal e o que pode deixar para os ministros. Recomendando Hanna Arendt, que divide a vida humana em labor ("labour"), trabalho ("work") e ação ("action"). Labor é o trabalho do dia a dia, a luta pela subsistência - tomar ônibus, ganhar salário, arrumar a cama. Trabalho é a construção de bens duráveis que criem significado para a vida humana - uma escultura, telefone celular, o posto de saúde. Ação é a ação política que dá significado e promove novos sentidos para a vida nacional. Talvez só a "action" justifique a vontade de ser presidente.

O país enfrenta diversos problemas - saúde e educação podem ser deixadas para os ministros. O SUS já atende dois terços dos brasileiros. Ainda falta muito para ficar satisfatório. Mas está bem encaminhado. Basta o trabalho de ministros. Conseguimos também colocar na escola a totalidade da população em idade escolar. As matrículas no ensino superior também cresceram muito. A qualidade do ensino é ruim. Precisa melhorar. Trabalho de ministro, "work" como afirma Hanna Arendt.

Ótimo que tenham crescido as vagas para o ensino técnico. Mas um país e um sistema educacional não dependem apenas de eletrotécnicos, marceneiros e assistentes de enfermagem. Precisamos criar cursos de humanidades (não de ciências sociais), história da arte, filosofia, cinema, teatro, teologia. São esses cursos que moldarão a discussão e o debate sobre ensino, política e vida nacional.

Na campanha eleitoral, os candidatos à presidência falam como prefeitos. Falam em mais postos de saúde batizados por siglas estaduais ou federais (Amas, Ames, UPAs, etc), em ensino em tempo integral, em aprovação direta, etc. Mas esse trabalho está encaminhado. Trabalho de ministros ou mesmo de prefeitos. Talvez falte dinheiro, o que pode ser minorado.

O presidente deve se dedicar à "action", na definição de Hanna Arendt, a atividade que dá sentido à vida humana. Onde o Brasil precisa de "action", a atividade criativa da política - segurança e justiça, que de certa forma, estão excluídas do poder executivo federal. As polícias são estaduais e a Justiça é outro poder. Mas são as questões mais importantes da vida nacional. É nestas áreas que precisamos da liderança e da ação política do presidente.

Fiscalizar fronteiras, quebrar o corporativismo das polícias civis e militar, combater a corrupção. Na Justiça o problema é mais difícil. É preciso dar uma lidinha em Montesquieu sobre divisão de poderes na democracia. Mas a Justiça precisa resolver o excesso de encarceramento, o congestionamento de processos. Não é fácil, nem tarefa do presidente. Mas o presidente é o chefe da nação e todos esperam que a solução do problema seja encaminhada por ele ou ela.

O meio ambiente já não é um problema de sonháticos. Falta água, falta energia, em São Paulo faz muito calor, as florestas estão queimando por causa da secura. Não é apenas um problema do ministro do Meio Ambiente. A Amazônia precisa de uma força policial federal imensa, muito bem equipada e que não seja cooptada pelos interesses locais. Sugiro a leitura de "Forest Ranger", um livro muito antigo que mostra como a guarda florestal americana era ao mesmo tempo descentralizada e compartilhava de uma ideologia comum. A ideia é simples. Os postos da guarda florestal têm muita autonomia mas o pessoal é sempre chamado para seminários e conferências onde são "doutrinados" pela administração central. E fazem rodízio de postos periodicamente.

Recomendo a leitura dos três volumes da biografia do Getúlio Vargas, de Lira Neto. Para entender como se convive com a contradição, com a ambiguidade e se consegue impor uma política social contra tantos interesses.

Como falar em público? Como liderar? Fuja da discussão "mais Estado ou mais mercado". Não leva a nada e está envelhecida.

Não há nada para ler sobre comunicação. Mas talvez existam na internet discursos e entrevistas de Fernando Henrique Cardoso e do Lula. Do Fernando Henrique, o novo presidente deve aprender como ser conciliador, generoso e irônico ao mesmo tempo. Ironia é desconfiar das próprias palavras, falar entre aspas e, portanto, desviar a violência do conflito para o verdadeiro dono das palavras que estão sendo proferidas. Generosidade é generosidade. Com o Lula, deve aprender como falar coisas de bom senso contra os economistas e liberar o discurso político do econômico. "É a política, estúpido" e não a economia que definirá o sucesso do novo(a) presidente.